

## O ENSINO DA REDAÇÃO

Vicente Eduardo Sousa e Silva

Em face das recentes provas de Redação dos Concursos Vestibulares, muito se tem discutido sobre o tema. Há pouco tempo, diversos professores da U.F.C. foram convocados para questionarem fundamentos metodológicos para uma estratégia de ensino de redação. De todo o debate do grupo sobressaiu a necessidade do retorno ao recurso tradicional da leitura literária paralela ao exercício da redação.

A composição, como processo de expressão literária, abrange o aspecto criativo e a forma. Desse binômio resultam: a gênese da idéia em suas várias manifestações de apreensão, preparação e elaboração do pensamento; a arquitetura do pensamento, que evolui e se estende em absoluta simetria pela disposição das partes em relação ao todo, pela articulação sintático-semântica e pela unidade; enfim, a enunciação da idéia na sua realização concreta e definitiva. Esta etapa ressalta a expressão, que atende tanto à norma gramatical quanto ao aspecto estético da língua. Aqui visa-se aos diversos níveis de linguagem, à adequação da palavra ao pensamento, ao equilíbrio expressional.

A composição dimana de uma técnica elaborada, que tende a ser cuidadosamente adquirida, com método, constância e esforço. Para isso é mister um trabalho diário, sistemático, gradativo, no manejo da língua escrita.

Antes de prescreverem-se quaisquer princípios orientadores da boa redação, é de salientar-se a norma que deve preceder a todos os trabalhos escritos: "*antes de nos fazermos entender pelos outros, temos de nos entender a nós mesmos*", e é neste sentido a máxima de Boileau — "*o que é bem concebido se enuncia claramente*".

A composição constitui um sistema de palavras escritas através das quais exprimimos nossos pensamentos e sentimentos, ou, numa conceituação mais moderna, a *"codificação da realidade imaginada e/ou do contágio afetivo, através da articulação das unidades componentes do discurso"*.

Esses conceitos consubstanciam o sentido da composição. Comunicar por meio da língua escrita. Não é tão difícil escrever quanto se imagina. Pressupõe todavia saber pensar. Não é necessário perfeição literária mas frase correta, pensamento claro de acordo com o sentimento individual. Sendo entretanto o sentimento artístico natural e próprio do homem, sua linguagem se tempera por uma faceta subjetiva, afetiva, literária. Cada um pode escrever conforme suas faculdades pessoais. A escrita é a transcrição da fala. A arte de escrever portanto não é prerrogativa de literatos, senão uma atividade necessária, cujo aprendizado já devera vir iniciado da escola primária.

O exercício da composição deve assemelhar-se a um ofício de artesanato, em que o artífice concebe a idéia, toma a argila e trabalha-a. Para isso é preciso alterá-la, reduzi-la, acrescê-la, reformulá-la, fazer-lhe enxertos e supressões. É trabalho de laboratório onde se cria, se dispõem as partes em relação ao todo e se formula a expressão estética.

Toda a deficiência do aluno do curso médio e do superior, no que concerne à redação, consiste essencialmente em ele não saber pensar. Seus erros de ordem morfológica são facilmente corrigíveis, porque mais mecânicos, mais objetivos, mais concretos. Não se pode dizer o mesmo dos referentes ao discurso, à frase, às articulações, ao plano de composição. mormente à organização da idéia, que exigem raciocínio e lógica em seu tratamento

Habitado, há muitos anos, a diagnosticar os males e a fazer a cirurgia de urgência e a plástica nos trabalhos de composição dos alunos, sabemos os pontos onde mais claudicam na expressão escrita e de que tratamento estão mais precisados. É justamente no sentido unitário e estrutural do discurso. Muitos têm conhecimento da norma gramatical mas não têm noção do relacionamento semântico das idéias. Sempre lhes afirmamos que qualquer trabalho de composição precisa atender à lógica, à coerência e à harmonia. Sua arquitetura deve sobressair pela proporção justa à semelhança de um corpo humano, em que a cabeça tem dimensão de acordo com o restante dos órgãos e membros. Cada órgão e cada membro se situam no lugar próprio e se ligam harmonicamen-

te entre si, cada qual com uma função específica que visa ao bem-estar do todo.

Vamos ao campo prático enumerar alguns dos defeitos mais comuns das redações:

1 — textos inteiros sem parágrafos, com longos períodos e inúmeras perífrases;

2 — composição carente de sentido unitário com o assunto disperso em fragmentos, onde muitas vezes detalhes insignificantes obliteram o sentido geral; numa descrição, isto significa a falta de objetivo determinado, de idéias ordenadas.

3 — interrupções bruscas do fio da frase, ficando termos desligados do resto do período e trazendo obscuridade ao pensamento;

4 — falta de relacionamento sintático entre as partes do discurso e de articulação entre as idéias;

5 — desorganização de idéias por falta de seqüência lógica; na narrativa, seria a não articulação dos fatos com começo, meio e fim;

6 — descompasso de raciocínio pela mistura da idéia principal do parágrafo com idéias menos importantes;

7 — construções artificiais e frases justapostas em desfavor de frases logicamente deduzidas;

8 — períodos prolixos, onde a quantidade prejudica a intensidade;

9 — construções sintáticas quebradas e pensamentos truncados;

10 — acumulação artificial de palavras com raras idéias;

11 — transição brusca entre as partes do texto; é a ruptura entre uma idéia e outra, muitas vezes por falta de um conectivo próprio;

12 — períodos de orações subordinadas sem a oração principal;

13 — colocação de vírgula entre o sujeito e o predicado e entre este e o complemento.

Afora estes erros graves, disseminados e incrustados nas redações dos alunos, oferecem-se determinados aspectos estilísticos da frase que devem ser evitados pelos inexperientes no manejo da língua e pela dificuldade de seu uso expressivo. O mau emprego desses aspectos importará em linguagem inexpressiva e confusa.

Além da frase característica das histórias infantis, cuja estruturação se apresenta por demais elementar, deve-se fugir à frase monótona, articulada por seqüência interminável de orações coordenadas por *e*. Usada entretanto esta com sobriedade e na circunstância adequada, sobressairá pelo efeito estético.

Convém proscrever-se ainda a frase artificial, onde a oração principal se perde num amontoado de subordinadas, tornando-se difícil alcançar o sentido real. Prima pelo excesso de ornamento, pela sonoridade vazia, pela prolixidade vã.

Vale lembrar por fim a linguagem que enseja o estilo água com açúcar. Revela-se no emprego excessivo e desnecessário do adjetivo. É preciso distinguir o bom e o mau emprego do adjetivo. O adjetivo tem "*função lógica no discurso, ou seja, a explicitação de um conteúdo formal extrínseco ao nome a que se liga*". Ao contrário, torna-se supérfluo "*pelo fato de explicitar um conteúdo formal intrínseco ao nome que o rege*".

Decerto, essa estrutura pressupõe a leitura como requisito essencial. Desperta a imaginação, dá informação e alimenta o espírito. Ensina a pensar, desenvolve o raciocínio e oferece meios para produção, se eficiente o método de aprendizagem. Grande parte dos métodos didáticos da leitura e da composição formulam-se incompletos e ineficazes. Pouco compreenderá da essência da obra ou de uma página literária o aluno que se ativer isolada e desordenadamente em busca de figuras de estilo, expressões, idéias, ponto de vista, ou se restringir a determinar o tema e a divagar sobre aspectos culturais.

Quanto à redação, o aluno jamais aprenderá a escrever bem, se habituado a exercícios que somente automatizarão seus erros por falta de correção. Também se enganam os que pensam que redigir consiste em escrever muito mas sem sistematização ou em preocupar-se apenas com os aspectos formais da língua, desprezando o sentido unitário e estrutural da linguagem. Por isso, o aluno se mostra incapaz de articular por escrito o pensamento. Não lhe foram dadas condições para o estudo associado da leitura e da composição. Ler e compor são como duas faces do mesmo processo comunicativo.

Embora muitos atualmente venham enfocando o problema da redação, não apontam a simplicidade dos seus processos e a facilidade do seu aprendizado. Não direi que a expressão escrita resultará tão espontânea quanto a fala, nem

que a prática da composição literária prescindia de uma técnica específica. Não. Ela se rege por normas próprias emanadas da gramática, da leitura, do estilo, do bom senso. Atente-se que, ao discorrer sobre o assunto, não me refiro àqueles que se devotam à arte de escrever e que a trazem inata como tendência natural. Reporto-me aos que querem aprender a escrever bem sem compromisso estético.

A sobriedade da frase e a clareza do pensamento devem sobressair em qualquer forma de composição. Para tanto é necessário o estudo da norma gramatical, o hábito da leitura e o exercício constante. Nada mais reconfortante e benéfico que a leitura. Tanto para quem a faz por divertimento como por dever. Em ambos os casos convém proceder à escolha acertada e praticá-la com seriedade. Disso decorrerão conseqüências de tal modo salutares que todos que assim agem acabam por adquirir a técnica de escrever. Requer-se que a linguagem seja utilizada primordialmente como comunicação e por extensão como forma de beleza.

No plano de redação há que observar-se o princípio tradicional da unidade de ação, conquanto se aditam outros tipos de montagem. Aconselha-se porém ao principiante que em toda forma de composição haja uma linha mestra para evitar a dispersão. Não deve prevalecer nenhuma norma rígida na composição literária, sendo entretanto conveniente ponderar-se o equilíbrio entre o pensamento e a palavra, ou seja, a atmosfera emotiva do assunto terá que se adequar à forma verbal respectiva.

Quanto ao aspecto conteúdo e forma, divergem as opiniões. Para Chateaubriand "*bem escrita é a obra dotada de estilo*". Para Stendhal "*o importante não era fabricar lindos estojos: era ter algo de valor para colocar dentro deles*". A controvérsia continuará sempre. Todas as posições são legítimas. O importante, como preceitua Carmelo M. Bonet, é que "*o neófito deve ser antes de mais nada sincero, sincero consigo mesmo; deve buscar-se a si mesmo, estudar seu próprio temperamento e escrever de acordo com ele*".

Advirtam-se entretanto os que aspiram utilizar a linguagem escrita sem pretensão literária no que tange à supressão do supérfluo. Nada se deve dizer que não intensifique o essencial. O acréscimo de palavras vazias de significação somente pelo efeito sonoro ou pelo agrado gráfico-visual confere um encanto falso ao discurso. O ornamento só relevará o contexto quando necessário ao seu complemento. O significante alcançará mais relevo na medida em que corresponder ao

significado. Lembre-se o estudante que o primeiro objetivo da linguagem é transmitir a idéia com a nitidez que o circuito comunicativo exige. A palavra convém ser o reflexo do pensamento.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. BONET, Carmelo M. — *A técnica literária e seus problemas*. São Paulo, Ed. Mestre Jou.
2. CÂMARA JR., J. Mattoso — *Manual de expressão oral e escrito*. Rio, J. Ozon, 1966.
3. GARCIA, Othon M. — *Comunicação em prosa moderna*. Rio, F. Getúlio Vargas, 1969
4. MIRANDA, José Fernando. — *Arquitetura da redação*. São Paulo, Impres.
5. RAMOS, Maria Luíza. — *Fenomenologia da obra literária*. São Paulo, Forense, 1969.
6. SOUSA, Marcondes Rosa de et alii. — *Estrutura do discurso narrativo*. Fortaleza, 1972.